

O NOME PRÓPRIO NOS MANUSCRITOS SAUSSURIANOS

Stefania Montes HENRIQUES
Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/PPGEL)
temontess@gmail.com

Resumo: Sabe-se que o signo, sob a ótica saussuriana, é constituído pela união arbitrária entre significante e significado. Essas duas entidades são psíquicas e uma só existe em função da outra. A partir da delimitação desses elementos e da afirmação de que a relação entre eles é arbitrária, Saussure torna a referência “não pertencente” ao funcionamento linguístico. Entretanto, há indícios de que Saussure admite, ao menos uma vez, a concepção triádica do signo, ao tratar dos nomes próprios e dos nomes geográficos. Além disso, no período compreendido entre 1900 e 1904, o linguista genebrino teve como tema principal de seus estudos a categoria linguística dos nomes próprios. Tendo em vista a importância desse tema nas Ciências da Linguagem e a atual reorientação ao estudo dos manuscritos saussurianos, propomo-nos a investigar o tratamento dado por Saussure à categoria do *nome próprio* no manuscrito “Notes item. Sôme et sême” presente no arquivo Ms. Fr. 3951 arquivado na Bibliothèque de Genève, com o intuito de perceber de que maneira essa categoria linguística é tratada e se, de fato, ela constitui uma exceção à teoria geral dos signos.

Palavras-chave: manuscritos; Ferdinand de Saussure; referência; arbitrariedade; nomes próprios

Introdução

O Curso de Linguística Geral¹, resultado de uma edição a partir de alguns manuscritos de Ferdinand de Saussure e outras anotações de seus alunos, foi considerado como obra fundadora da linguística, ao estabelecer a língua como objeto de estudo. Mas o que é a língua? A língua, para Saussure, é um sistema que se baseia na relação entre os seus constituintes, e isso implica em uma valorização do estudo do interior desse sistema e não de suas relações exteriores.

Podemos afirmar que definir a língua enquanto sistema autônomo é contrariar as diversas correntes linguísticas e filosóficas que postularam uma relação dos signos com os seus referentes. Dentre essas correntes, há a teoria ingênua da referência que defende que as palavras de uma língua referem-se diretamente aos objetos que designam, sem interferência semântica, ou seja, a ligação entre as palavras e os objetos não é intermediada pelo sentido e, desse ponto de vista, a língua é considerada uma nomenclatura.

A crítica saussureana a essa concepção é explícita no CLG: “Para certas pessoas, a língua, reduzida ao seu princípio essencial, é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas.” (SAUSSURE, p. 79, 1973). Dessa forma, Saussure nega que a língua seja apenas uma lista dos objetos presentes no mundo. Entretanto, negar que a língua é uma nomenclatura não é negar que uma

¹ Doravante chamado CLG.

determinada classe de signos possua uma correspondência com os objetos. Nesse ponto, concordamos com Chiesa (2008):

Mais le rejet de la conception du langage comme une nomenclature n'implique pas le rejet de la nomenclature en tant que cas particulier du langage et par conséquent d'une série de mots, à savoir les noms, qui comportent une référence à des objets dont les locuteurs sont conscients. Il s'agit des lors de réexaminer la question de la nomenclature dans les écrits de Saussure². (CHIESA, p. 11, 2008)

Essa necessidade de reexaminar a questão da nomenclatura nos manuscritos saussurianos deve-se ao fato de que, apesar do nome próprio ser citado apenas uma vez no Curso de Linguística Geral³, há indícios de que no início do século XX, especificamente no período compreendido entre 1900 e 1904, Saussure dedicou-se ao estudo dos topônimos e da onímica. De acordo com Testenoire (2008),

(...) la question du nom propre a été, depuis le début des années 1900, au cœur des travaux scientifiques de Ferdinand de Saussure. De 1900 à 1904, en effet, toutes ses communications scientifiques sont consacrées à l'étude des toponymes de la région genevoise.⁴ (TESTENOIRE, p. 1006, 2008).

Os trabalhos científicos aos quais Testenoire (2008) se refere são, principalmente, duas comunicações proferidas à Société d'Histoire e d'Archéologie de Genève e intituladas: "Le nom de la ville d'Oron à l'époque romaine"(1901) e "Origine de quelques noms de lieux de la région genevoise"(1903)⁵. Sobre essa produção científica saussuriana que abarca, especificamente, a questão dos topônimos, é válido afirmar que ela parte de uma perspectiva diacrônica e, evidencia um estudo da referência por parte do genebrino. Além desses estudos, tem-se notícia também dos elaborações saussurianas referentes à prática anagramática e das lendas germânicas, que possuem como foco principal a questão dos nomes próprios.

Apesar da relevância desses trabalhos em relação ao nosso tema, escolhemos tratar, nesse artigo, das considerações feitas por Saussure sobre nomes próprios e os topônimos no manuscrito "Notes Item. Sôme et sème" que se encontra no arquivo Ms. Fr. 3951, na Biblioteca Pública de Genebra⁶. Esse manuscrito não é datado determinadamente, mas de acordo com Testenoire (2008), supõe-se que esteja inserido nas produções saussurianas do início do século XX, tendo em vista que parecem ser uma reação à leitura do "Essai de Sémantique" de Michel Bréal.

² Mas rejeitar a concepção da língua como uma nomenclatura não implica em rejeitar a nomenclatura como caso particular da linguagem e, por conseqüência, de uma série de palavras, a saber, os nomes que comportam uma referência aos objetos dos quais os locutores são conscientes. Trata-se, então, de reexaminar a questão da nomenclatura nos escritos de Saussure. (tradução nossa)

³ O nome próprio aparece no CLG apenas no capítulo no qual Saussure trata da analogia. Esse excerto será citado no decorrer desse artigo.

⁴ (...) a questão do nome próprio esteve, desde o início dos anos 1900, no centro dos trabalhos científicos de Ferdinand de Saussure. De 1900 à 1904, com efeito, todas as suas comunicações científicas são consagradas ao estudo dos topônimos da região genebrina. (tradução nossa).

⁵ Obtivemos conhecimento dos resumos dessas duas comunicações por intermédio da obra "Recueils des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure", editada por Leopold Gautier e Charles Bally, e que abarca a produção científica do linguista genebrino em vida.

⁶ Os manuscritos utilizados neste trabalho foram selecionados e reproduzidos pela Prof^a Dr^a Eliane Mara Silveira, durante sua estada em Genebra, no período de 13 a 24 de junho de 1999, com o apoio financeiro do Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa (FAEP-UNICAMP).

Antes de darmos início as nossas considerações, faz-se necessário esclarecer alguns aspectos de nossa análise e, também, alguns critérios que são nela utilizados. Em primeiro lugar, apesar do manuscrito trabalhado já ter sido editado e publicado por S. Bouquet e R. Engler, nos “*Écrits de Linguistique Générale*”, optamos por analisar o manuscrito e não sua edição. Essa escolha justifica-se na medida em que pretendemos perceber o processo de elaboração da produção saussuriana sobre os nomes próprios e geográficos, dando ênfase aos incisos e rasuras efetuados pelo genebrino. Em segundo lugar, ao apresentarmos os excertos dos escritos, faremos a transcrição e a tradução dos mesmos. Para realizar a transcrição utilizaremos os seguintes símbolos: palavras sublinhadas, ~~rasuras~~, *incisos*, espaços em branco [] e as palavras que não conseguirmos entender serão transcritas com ---.

Dessa forma, pretendemos trazer à tona algumas considerações saussurianas relevantes sobre a questão do nome próprio e, conseqüentemente, sobre a questão da referência.

1. Os nomes no CLG: palavras isoladas

Como dissemos anteriormente, há uma negação explícita da concepção da língua enquanto nomenclatura no CLG. Essa crítica será, de fato, retomada várias vezes no desenvolvimento da argumentação saussuriana. Podemos afirmar, por exemplo, que ao tratar da natureza do signo linguístico e determiná-lo como a união arbitrária de duas entidades psíquicas, Saussure já estabeleceria que o referente não participa do funcionamento linguístico.

Além disso, parece-nos que a arbitrariedade é o princípio norteador⁷ desse desligamento⁸ da referência em relação ao signo linguístico. Isso porque ao efetuar o deslocamento do princípio da arbitrariedade para o interior do signo, ou seja, entre significante e significado, Saussure separa o referente da constituição do signo linguístico. Essa posição é contrária, por exemplo, àquela defendida na Antiguidade Clássica, na qual se afirmava que a ligação entre os nomes e as coisas possuía o estatuto de arbitrária. Segundo Gadet (1990), o princípio da arbitrariedade teria duas faces: uma linguística (entre significante e significado) e outra filosófica (entre o signo e o objeto) (cf. GADET, 1990 apud SILVA, p. 41)⁹.

Quanto a esse princípio, Saussure (1973) afirma que:

O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém; às vezes, porém, é mais fácil descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe. O princípio enunciado acima domina toda a linguística da língua; suas conseqüências são inúmeras. (SAUSSURE, p. 82, 1973)

Podemos considerar que ao afirmar que “é mais fácil descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe”, Saussure critica, mais uma vez, a concepção da língua enquanto nomenclatura – que é essencialmente aristotélica -, pois se a língua fosse uma lista de nomes que se referem a objetos determinados, essa ligação seria

⁷ Consideramos que é a arbitrariedade o princípio norteador do desligamento da referência e não a teoria do valor, tendo em vista que se a relação entre significante e significado não fosse arbitrária, “o valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora”. (SAUSSURE, p. 132, 1973)

⁸ Utilizamos o termo “desligamento” em substituição ao termo “exclusão”, tendo em vista que não consideramos que o fenômeno da referência tenha sido excluído das considerações saussurianas.

⁹ De acordo com Silva (2008), essa distinção estabelecida por Gadet (1990) proporciona a percepção do deslocamento do princípio da arbitrariedade efetuado por Saussure.

estabelecida de forma arbitrária. De acordo com as notas de Émile Constantin, referentes ao terceiro curso (1910-1911) ministrado por Saussure em Génève, pensar na língua como nomenclatura seria infantil: “C’est une méthode enfantine. Si nous l’adoptons pour un moment, nous verrons facilement en quoi consiste le signe linguistique et en quoi il ne consiste pas.” (E. CONSTANTIN, apud ENGLER, p. 148, 1989).

Mas e o nome próprio? De que forma ele aparece na teorização saussuriana do CLG na medida em que essa obra possui uma crítica intensa à concepção de língua como nomenclatura? É na parte dedicada a linguística diacrônica, no capítulo referente à analogia, que aparece o único comentário referente ao nome próprio no CLG. Esse comentário não elucida o problema da relação entre os nomes e os objetos que, aliás, não é citado:

As únicas formas sobre as quais a analogia não têm poder nenhum são naturalmente as palavras isoladas, tais como os nomes próprios, especialmente os nomes de lugares (cf. *Paris, Genève, Agen* etc.), que não permitem nenhuma análise e por conseguinte nenhuma interpretação de seus elementos; nenhuma criação concorrente surgiu a par deles. (SAUSSURE, p. 201, 1973)

Não há, portanto, nenhuma consideração mais profunda sobre a natureza ou função dos nomes próprios a partir da consideração que a língua é um sistema que possui uma ordem própria. O interessante nessa citação é a questão dos nomes próprios serem considerados como palavras isoladas, afirmação que parece indicar que essa categoria linguística constitui uma exceção à teoria dos signos, tendo em vista que não estabelece relações “horizontais” com os outros signos do sistema.

Assim, se no CLG as considerações de Saussure acerca do nome próprio restringem-se à crítica da língua enquanto nomenclatura e à impossibilidade de submissão dessa categoria linguística ao fenômeno da analogia, o mesmo não se dá com os manuscritos saussurianos. Neste artigo, especificamente, analisaremos excertos do manuscrito “Notes Item. Sôme et sême”, nos quais a questão da referência e a especificidade dos nomes próprios e geográficos é melhor desenvolvida por Saussure.

2. Os nomes e os objetos: uma relação vertical

De acordo com Chiesa (2008), Saussure indicaria, implicitamente, dois tipos de relações estabelecidas pelo signo linguístico. Uma delas seria de natureza horizontal e aconteceria dentro do sistema linguístico, estabelecida entre um signo e outros signos que o antecedem e o precedem. Podemos afirmar que, essa relação é aquela explicitada na teoria do valor. O outro tipo de relação seria de natureza vertical e abarcaria a relação entre os nomes próprios/topônimos e os objetos aos quais esses nomes se referem. (cf. CHIESA, p. 12, 2008).

Tendo em vista que é a relação vertical estabelecida entre um signo e um objeto que nos interessa nesse artigo, passaremos à análise dos excertos selecionados do manuscrito “Notes Item”, que tratam da concepção dos nomes próprios e sua relação com o referente, na perspectiva saussuriana.

Si quis
 a pose me
 Item. Des qu'il est en question quelque
 part de la langue, on voit arriver
 le mot et le sens, (ou le signe et
 le sens) comme si c'était ce qui résume
 tout, mais en outre toujours des
 exgles de mot comme arbre, pierre,
Vache ~~ciel~~, c'est-à-dire ce qu'il y a de plus
 grossier dans la sémiologie: le cas
 où elle est (par le hasard des objets
 qu'on choisit désignés) une simple onymique,
 c'est-à-dire, car là est la particula-
 rité de l'onymique dans l'ensemble
 de la sémiologie, le cas où il y a
 un troisième élément incontestable
 dans l'association psychologique
 du sème, la conscience qu'il s'applique
 à un être extérieur ~~qui deviant~~
 assez défini en lui-même pour
~~comparer~~ échapper à la loi géné-
 rale du signe.

Figura 1. Excerto "Notes Item", p. 7

Item. Des qu'il --- est question quelque part de la langue, on voit arriver le mot et le sens (ou le signe et le sens) comme si c'était ce que resume tout, mais en outre toujours des exemples de mot comme arbre, pierre, ciel, vache, *comme Adam donnent des []* c'est-a-dire qu'il y a de plus grossier dans la sémiologie: le cas où elle est (par hasard des objets *qu'on choisit pour être* désignés) une simple onymique, c'est-a-dire, car là est la particularité de l'onymique dans l'ensemble de la sémiologie, le cas où il y a un troisième élément incontestable dans l'association psychologique du sème, la conscience qu'il s'applique à un être extérieur ~~qui deviant~~ assez défini en lui-même pour ~~comparer~~ échapper à loi générale du signe.¹⁰

Esse excerto é extremamente significativo na medida em que, ao criticar a língua como nomenclatura, Saussure admite “o que há de mais grosseiro na semiologia” que é o fenômeno da onímica. Um aspecto interessante a ser colocado é a questão de que os nomes próprios/topônimos não são citados e sim os nomes comuns como “vaca”, “árvore”, “pedra” e “céu” (que é rasurado). A questão que se coloca é, por qual motivo Saussure inclui essas palavras no fenômeno da onímica, sendo que no CLG, palavras do

¹⁰ Quando está em questão alguma parte da língua sobrevém a *palavra* e o *sentido* (ou o signo e o sentido) como se isso resumisse tudo mas, além disso, exemplos de palavras como *árvore*, *pedra*, *vaca*, como Adão que dá [], ou seja, o que há de mais grosseiro na semiologia: o caso em que ela é (pelo acaso dos objetos que se escolhe para serem designados), uma simples onímica, ou seja, pois essa é a particularidade da onímica no conjunto da semiologia, o caso em que há um *terceiro* elemento incontestável na associação psicológica do sema, a consciência de que ele se aplica a um ser exterior bastante definido em si mesmo para *escapar* à lei geral do signo. (tradução nossa)

mesmo tipo, são utilizadas como exemplos do princípio da arbitrariedade e da teoria do valor? O clássico exemplo, citado posteriormente por Benveniste (2005), no qual Saussure utiliza-se da diferença entre os termos *bouef* e *ochs* para confirmar, por intermédio das diferentes línguas, o princípio da arbitrariedade fortalece nosso estranhamento na medida em que o signo “boi” é da mesma natureza que o signo “vaca” ou “árvore”.

Além disso, lê-se no primeiro inciso do lado esquerdo da página as seguintes palavras “como Adão que dá []”. É conveniente que nos detenhamos um instante nesse inciso tendo em vista que se relaciona com a questão da língua como nomenclatura: Adão teria dado os nomes aos animais e objetos da mesma forma que o *Nomoteta*, citado no diálogo *Crátilo* de Sócrates, como aquele que primeiro deu nome a todas as coisas. É claro que esse inciso exprime novamente a crítica saussuriana da nomenclatura, tendo em vista que, para Saussure, seria desnecessário pensar no dia em que a língua surgiu e os objetos foram nomeados:

O ato pelo qual, em dado momento, os nomes teriam sido distribuídos às coisas, pelo qual um contrato teria sido estabelecido entre os conceitos e as imagens acústicas – esse ato podemos imaginá-lo, mas jamais foi ele comprovado. (SAUSSURE, p. 86, 1973).

Deve-se ressaltar ainda que, para Saussure, o “terceiro elemento” é a consciência que o falante tem que determinada palavra aplica-se a um ser exterior e não o objeto em si mesmo. Quanto a isso, Chiesa (2008) explicita que

Dans l’association du signe (ou du sème) entre le significant e le signifié, Il y a un troisième élément, à savoir, non pas la chose elle-même, mais la conscience que le sème s’applique à un objet extérieur déterminé, de sorte que, en vertu de cette relation aux choses, le signe semble échapper aux lois et aux rapports de la langue.¹¹ (CHIESA, p. 13-14, 2008).

Mas por qual motivo a onímica escaparia às leis gerais do signo? Podemos supor que, a partir do momento em que há um elemento exterior na constituição do signo linguístico, ele não poderá se relacionar negativamente com os outros signos do sistema. Além disso, de acordo com Chiesa (2008), o signo assim considerado – com a presença do terceiro elemento –, deixa de ser de natureza diádica e passa a ser triádico, coincidindo com a concepção aristotélica. (cf. CHIESA, p. 14, 2008).

A continuação desse excerto parece inserir, no fenômeno da onímica, a categoria dos nomes geográficos:

¹¹ Na associação do signo (ou do sema) entre significante e significado, há um terceiro elemento, a saber, não a coisa em si mesma, mas a consciência de que o sema aplica-se a um objeto exterior determinado, de maneira que, em virtude dessa relação com as coisas, o signo parece escapar às leis e relações da língua. (tradução nossa)

+ Item | Quoique nous ~~ne~~ voulions aborder le moins possible le côté idéologique du signe, il est bien évident que si les idées de toute espèce offraient une fixité...
 Fixité seulement obtenue par les noms géographiques

Figura 2. Excerto “Notes Item” p. 7

Item. Quoique nous ~~ne~~ voulions aborder le moins possible le côté idéologique du signe, il est bien évident que si les idées de toute espèce offraient une fixité []

Fixité seulement obtenue par les noms géographiques¹²

O excerto acima acrescenta dois novos termos que devem ser cuidadosamente analisados. O primeiro é “fixidez” e o segundo “nomes geográficos”. Esses dois termos estabelecem uma relação entre si na medida em que os nomes geográficos ou topônimos apresentam uma certa fixidez em relação aos objetos que se referem. Assim, o nome de um país, por exemplo, não muda constantemente, por que isso não é conveniente aos habitantes deste país e dos países que o rodeiam. Além disso, deve-se ressaltar também que essa “fixidez” só é obtida, segundo Saussure, pelos topônimos e não por todos os signos de uma língua.

Esse excerto constata, mais uma vez, que essas categorias linguísticas que possuem uma ligação com os objetos do mundo escapam à lei geral dos signos na medida em que não se submeteriam – no caso dos nomes geográficos – à teoria do valor, por exemplo. Em contrapartida, se todos os signos oferecessem essa fixidez, a língua seria uma nomenclatura, ou seja, uma lista de etiquetas que nomeiam objetos e, conseqüentemente, a noção de “valor” seria impossível de ser concebida.

Na continuação do texto, Saussure apresenta os nomes próprios juntamente com a noção de nomes geográficos:

+ L'idée invariable et inflexible pouvant être considérée comme chose chimérique, les sèmes géographiques font exception en ce que...
 Plus exactement :
 La seule chance p^r un
 nom propre

Figura 3. Excerto “Notes Item”, p. 8

¹² Embora queiramos abordar o menos possível o lado ideológico do signo, é bem evidente que se as ideias de toda espécie oferecessem uma fixidez... []
 Fixidez obtida somente pelos nomes geográficos (tradução nossa)

L'idée invariable et in fluctuable pouvant être considérée comme chose chimérique, les sèmes géographiques et *les noms propres* font exception en ce que ... []

- Plus exactement : []

La seule chance pour un []¹³

Como podemos perceber na Figura 3 os nomes próprios e geográficos, por oferecerem a propriedade de fixidez, fazem exceção ao que, poderíamos deduzir como as leis gerais dos signos e, ainda, constituem-se como invariáveis e in flutuáveis na medida em que não se submetem às relações internas do sistema. Por fim, o ultimo excerto parece

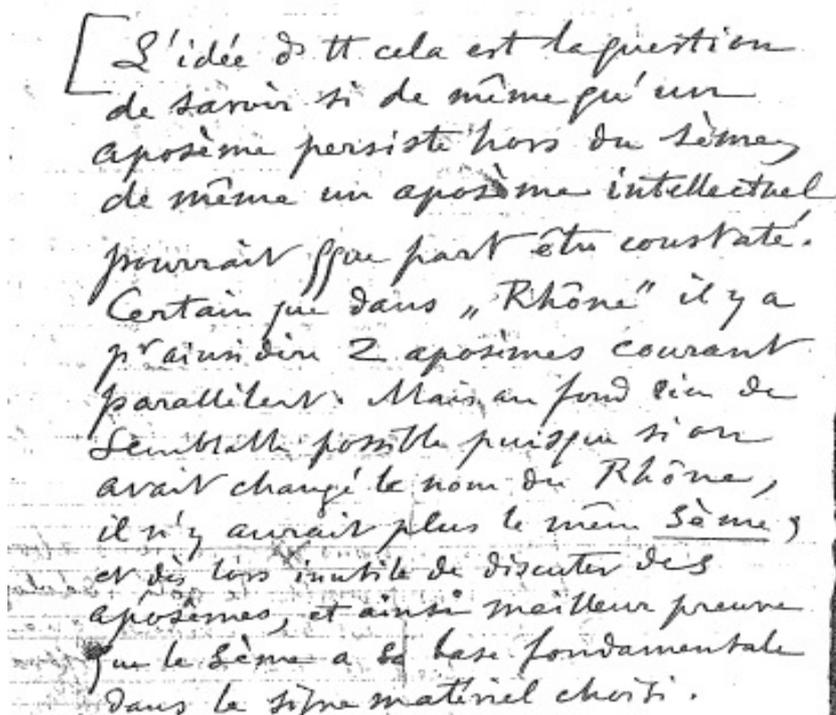


Figura 4. Excerto "Notes Item", p. 8

[L'idée dans toute cela est la question de savoir si de même qu'un aposème persiste hors du sème, de même un aposème intellectuel pourrait quelque part être constaté. Certain que dans "Rhône" il y a pour ainsi dire 2 aposèmes courant parallèlement. Mais, au fond rien de semblable possible puisque si on avait changé le nom de Rhône, il n'y aurait plus le même sème, et dès lors inutile de discuter des aposèmes, et ainsi meilleure preuve que le sème a la base fondamentale dans le signe matériel choisi.¹⁴

¹³ A ideia invariável e in flutuável poderia ser considerada como coisa quimérica, os semas geográficos e os nomes próprios fazem exceção na medida em que [] – Mais exatamente: [] A única chance para um [] (tradução nossa)

¹⁴ A ideia em tudo isso é a questão de saber se mesmo que um apossema persista fora do sema, um apossema intelectual também poderia ser constatado em alguma parte. É certo que em "Rhône" há, por assim dizer, dois apossemas correndo paralelamente. Mas, no fundo, nada semelhante a isso seria possível já que, se nós mudarmos o nome de "Rhône", ele não será mais o mesmo sema, e seria inútil discutir os apossemas e, assim, é a melhor prova que o sema tem sua base fundamental no signo material escolhido.

O exemplo utilizado por Saussure no excerto acima, parece esclarecer melhor o motivo pelo qual os nomes geográficos e os nomes próprios possuem a propriedade de fixidez. Assim, o Rhône é um rio que nasce nos Alpes Suíços e dirige-se à oeste, chegando à fronteira entre a Suíça e a França. Este rio possui o mesmo nome há séculos e, portanto, os habitantes só o conhecem com essa denominação. Imaginemos, no entanto, que alguma autoridade da Suíça deseje que o Rhône passe a se chamar Rhésus. Os habitantes das regiões nas quais há o percurso do rio, não aceitariam de prontidão a mudança do nome e, caso aceitassem, continuariam chamando-o de Rhône, colocando esse sema ao lado de Rhésus.

É evidente, portanto, que a categoria linguística do nome é de uma natureza distinta daquela dos signos do CLG. E, pelos nomes próprios e geográficos constituírem uma exceção às leis gerais do signo, eles não poderiam ser abarcados como parte do conteúdo ministrado nos cursos de linguística geral de 1907 à 1911, o que explica o silêncio sobre esse assunto na edição de 1916.

3. Conclusão

Com base nos aspectos analisados no manuscrito saussuriano “Notes Item”, podemos concluir que, em primeiro lugar, o nome próprio não foi excluído da teorização saussuriana, pelo contrário, há considerações importantes de Saussure nos manuscritos que elucidam a questão da relação entre os nomes e os objetos do mundo.

Em segundo lugar, concluímos que criticar a concepção de língua enquanto nomenclatura não implica em negar que algumas categorias linguísticas exerçam a função de nomear objetos determinados no mundo. Isso é corroborado pelas considerações saussurianas a respeito do fenômeno da onímica e dos nomes próprios.

E, por fim, é válido afirmar que, se no início de suas considerações Saussure adota como exemplo nomes comuns, tais como pedra, vaca, céu etc., esses exemplos parecem ser abandonados no desenvolvimento de sua argumentação, visto que são substituídos pelos nomes geográficos e nomes próprios. Isso, talvez explique, o estranhamento que sentimos ao perceber que exemplos da mesma natureza daqueles utilizados no CLG – que evidenciavam a ordem própria da língua e a não interferência de uma ordem exterior – foram utilizados como exemplos do fenômeno da onímica.

Assim, acreditamos que o estudo da questão dos nomes próprios e geográficos e, conseqüentemente, da relação de referência, ainda é pertinente aos estudos da linguagem, ainda mais se levarmos em consideração que ainda existem vários manuscritos que podem elucidar o problema da relação entre os signos e os objetos, do ponto de vista saussuriano.

4. Referências Bibliográficas

CHIESA, C. Saussure, Aristotel et l’onymique. In : **Cahiers Ferdinand de Saussure**. Revue suisse de linguistique générale, n.61. p.5-21. Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure. Genève: Librairie Droz S.A., 2008.

GADET, F. **Saussure: une science de la langue**. Paris: Presses Universitaire de France, 1990.

HENRIQUES, S. M. A categoria dos nomes e a referência: um estudo linguístico-filosófico. In: **Horizonte Científico**. Uberlândia

PAFUME, M. C. O último curso de Ferdinand de Saussure e a sua presença no “curso linguística geral”. In: **Revista Entrepalavras**. Fortaleza, vol. 1, n. 1, p. 59-69, ago/dez-2011.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. [1916] Editado por Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 5^a. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____. Notes Item. Sôme et sème. In '**Papiers Ferdinand de Saussure**', 3951: 'Notes de Linguistique Générale'. Bibliothèque de Genève, 1891.

_____. **Cours de linguistique générale**: édition critique par Rudolf Engler. Tomo 1, Otto Harrassowitz - Wiesbaden; 1968-1989.

SILVA, K. A. **Saussure e a questão da referência na linguagem**. 141 p. Dissertação de Mestrado – UNICAMP. Campinas: 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000435701>>

SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas: Mercado das Letras/FAPESP, 2007. 168 p.

SOFIA, E. Sur le concept de "valeur pure". In: **Revista Letras & Letras**, vol. 25-1. Uberlândia: Edufu, 2009.

TESTENOIRE, P.Y. **Le nom propre em débat au tournant du siècle (Whitney – Bréal - Saussure)**. *Histoire, épistémologie, réflexivité*. Paris, 2008. Disponível em: <<http://www.linguistiquefrancaise.org/articles/cmlf/pdf/2008/01/cmlf08040.pdf>>

VINHAIS, E. A. Saussure: uma teoria e dois destinos? In: **Revista Eutonomia**. ano 3, vol. 2. dez 2010.